

COSTA, Marcos R. N.; COSTA, Rafael F. **Mulheres Intelectuais na Idade Média**. 1ª edição. Porto Alegre, editora Fi, 2019.

*Mariana Martinez<sup>1</sup>*

Com o subtítulo *Entre a Medicina, a História, a Poesia, a Dramaturgia, a Filosofia, a Teologia e a Mística*, a obra elaborada pelos historiadores Marcos Roberto Nunes Costa e Rafael Ferreira Costa busca apresentar personalidades femininas participativas e importantes no âmbito intelectual durante a Idade Média – e até mesmo em momentos anteriores e posteriores ao período de enfoque.

O livro é dividido em duas partes, sendo elas, respectivamente: Escritoras religiosas e/ou laicas defensoras da fé cristã, e Escritoras laicas ligadas às artes liberais. No contexto erudito da Idade Média, tal divisão possui total coerência, visto que as principais linhas de estudo e conhecimento da fase advém da teologia e da filosofia. Entretanto, é indispensável ressaltar o fato de que, nos documentos referentes ao período, como os Manuais ou Compêndios de Filosofia, ou nos Manuais de Teologia, a presença de intelectuais femininas se encontra escassa. O pensamento machista e misógino – como os autores indicam pela obra de Karine Simoni (2010), pós-doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina – além de resumir a figura feminina entre a santa ou a pecadora, torna-se ainda mais visível ao notarmos a tentativa de inibir o reconhecimento dessas mulheres, bem como os poucos estudos focados em descobri-las. Os autores desses manuais ainda não aceitam a concepção de “filósofas” para certas mulheres que se afirmam como uma.

Sendo as fontes primárias insuficientes para realizar um estudo aprofundado a respeito dessas pensadoras – principalmente em decorrência da tentativa de negar seus feitos e sua personalidade, visto pela carência de sua memória histórica, como indicam Costa & Costa, que concluíram sua pesquisa “até onde os registros nos permitiram” (p. 13). Em vista disso, os autores apostam em fontes secundárias e achados arqueológicos. Grande parte das biografias foi baseada em relatos ou menções de autores masculinos, documentos eclesiásticos de pequenos conventos, pinturas renascentistas, artes góticas e mosaicos representando determinada personagem, além de referências de autores dos séculos XIX e XX, assim como alguns estudos mais recentes.

Mesmo assim, se comparadas às personalidades intelectuais masculinas da Idade Média, pode-se indagar que as biografias femininas são simplistas e pouco detalhadas – não lhes eram dadas devida importância, tampouco havia a preocupação memorial com relação à vida e às realizações e colaborações que tais mulheres agregaram ao pensamento da época. Ao longo da leitura da obra, é perceptível a imprecisão nas informações

---

<sup>1</sup>Graduanda em História pela Unisagrado, 4º ano. Resenha realizada sob orientação da prof.<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Lourdes M. G. C. Feitosa.

coletadas sobre elas: datas, local de origem, nomes, e até mesmo sua existência torna-se duvidosa. Especialmente na segunda parte do livro, na qual temos curandeiras, médicas independentes, poetisas polêmicas, entre outras personalidades apresentadas como não adequadas ao pensamento e modelo tradicional cristão do período, observa-se a tentativa, por parte dos historiadores e estudiosos deste tempo, de suprimir essas mulheres da história, bem como seu legado. Muitas, graças aos desvios discursivos eclesiásticos, foram consideradas, por muito tempo, personagens fictícias.

Não à toa, os autores fazem uma forte crítica à falta de interesse aos estudos eruditos e filosóficos femininos. É mencionada a autora Caroline Walker Bynum, professora na Universidade de Columbia e professora no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, autora fundamental na introdução do conceito de gênero no estudo do cristianismo medieval. Em seu prefácio da tradução da obra *Scivias*, de Hildegarda von Bengin, afirma: “Se eu tivesse escrito esse prefácio em 1950, eu poderia ter demonstrado que a única coisa em que as diversas escritoras da Idade Média tinham em comum era o total desprezo por parte dos estudos eruditos modernos” (2015, p. 10). Na introdução deste livro, os autores mencionam uma interessante pesquisa relacionada aos estudos feitos em âmbito nacional: o Banco de Dissertações e Teses do Ibcit – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - não possui uma sequer dissertação ou tese desenvolvida por um Programa de Pós-graduação em filosofia no Brasil sobre uma pensadora medieval.

Graças aos esforços da historiografia, da arqueologia, do estudo das letras, entre outras disciplinas, pode-se identificar a presença feminina intrínseca na cultura intelectual da Idade Média, e a abrangência de ciências que as mesmas alcançaram. No entanto, tal crítica a respeito dos estudos deve ser levada em conta.

Os autores também atentam o leitor à ruptura de paradigmas que permearam tanto o pensamento comum como o campo acadêmico acerca da imobilidade e dependência da mulher na Idade Média. Usando documentos notariais, Karine Simoni afirma que muitas mulheres agiam de forma independente, e sobre a concepção clássica de que as mulheres, de maneira geral, ficavam à sombra de uma dominância masculina, a tendência é revisar esse protótipo, e a maneira mais efetiva de quebrar esses tabus é ampliar cada vez mais esses estudos

Quando se trata da vertente historiográfica, deve-se considerar o fato de ser uma produção recente e é válido considerar que a historiografia moderna possui uma vasta “gama de subespecialidades [...] já não existem nos meios acadêmicos muitos estudiosos que acreditem na existência definitiva de “uma única maneira de ver as coisas” (BARROS, 2004)<sup>2</sup>. Costa & Costa aderiram à uma abordagem social, na qual acabam por usufruir

<sup>2</sup>Possui doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1999), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1994), graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), graduação em Música (Composição Musical) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

da estilística da História Nova e analisam a classe social a que pertenciam essas mulheres, onde estudaram, sua relação com a família, entre outros aspectos válidos para compreender o modo de vida de cada uma delas. Entretanto, levaram em conta o estudo das mentalidades na construção do pensamento ocidental para validar a afirmação de que suas obras e feitos de fato influenciaram nas construções de diversas áreas de estudo até os dias atuais.

Sobre o conteúdo do livro, permito-me focar apenas em algumas personalidades relatadas na obra, afinal, são mais de 50 biografias, algumas menos informativas que outras, exatamente pela problemática da documentação citada nos parágrafos acima. Entre as escritoras religiosas, ressalto Hildegard von Bingen, sendo ela a mais bem documentada e estudada até hoje.

Hildegard (1098-1179) nasceu na Alemanha, mais precisamente na região do Vale do Rio Reno. Desde sua adolescência levava uma vida cristã; aos dezesseis anos já havia feito seus votos, mas foi em 1141, aos quarenta e três anos, que Hildegard teve sua primeira experiência mística/visionária. Foi a partir desse momento que decidiu iniciar uma vida de peregrinação e pregação. Existem diversas iluminuras medievais que retratam tais experiências místicas que Bingen vivenciou. Após a autorização da Igreja, ela começou a escrever suas visões. No entanto, mesmo tão bem relatada, a vida biografada de Hildegard apresenta controvérsias, entre elas, sua apresentação como alguém que não tinha estudos. Os principais biógrafos relatam que sua formação coube à pequenos conhecimentos adquiridos no mosteiro, e que suas obras são, de fato, frutos de experiências sobrenaturais.

Em contraposição, alguns historiadores afirmam que em seus escritos há um vasto conhecimento de textos de escolas e universidades de Teologia de seu tempo; indo mais além, afirmam não só o conhecimento bíblico, mas de autores latinos, filósofos neoplatônicos, além de entendimento nas áreas de medicina e farmacologia. Acredita-se que a omissão de sua bagagem intelectual se deve à concepção da época de que a intelectualidade era concedida naturalmente ao masculino, sendo o sobrenatural o responsável pelo intelecto de Hildegard.

Vale destacar que a alemã é também autora de uma língua ignota, com mais de mil termos – trazendo tradução latina e alemã – criados para falar de assuntos científicos com palavras populares. Também foi autora de concertos musicais, oratórias e peregrinações. Por conta de tamanha mobilidade, foi atacada e hostilizada durante toda sua vida, chegando a ser banida de participar de missas e da rotina no mosteiro.

Em suma, é indiscutível sua relevância no período em que viveu. Suas obras falam sobre a articulação entre espírito, corpo, cosmo e natureza. Inovou o pensamento acerca da sexualidade, defendendo o prazer no ato sexual, bem como reprovava as formas abusivas de controle do corpo e do sexo, principalmente em relação ao feminino. Ainda assim, é válido salientar o argumento dos autores de que Bingen não era, de modo algum,

um ícone feminista. Era declaradamente conservadora e jamais reivindicou qualquer mudança ou direito para as mulheres, sempre permaneceu fiel aos dogmas impostos pela Igreja Católica.

Apesar de toda a hostilidade que recebeu ao longo de sua trajetória, seu reconhecimento póstumo é inegável. Ela é patrona do *Prêmio Hildegard von Bingen*, criado em 1995, para destacar jornalistas e publicitários que deram contribuições humanitárias em sua área de atuação. Também carrega seu nome, uma escola em Rudesheim – Alemanha. É patrona da *Medalha Hildegard von Bingen* para personalidades de destaque no campo da educação sanitária mundial. Sua vida foi inspiração para o filme *Vision*, de 2009. Além da existência de duas sociedades dedicadas ao estudo de sua vida e obras.

Quanto às mulheres laicas ligadas às artes liberais, seria uma difícil tarefa aprofundar-se sobre uma em específico, no que se deve ao fato de que suas biografias e obras sofreram uma brusca tentativa de apagar as suas trajetórias. Contudo, há diversos pontos acerca dessas biografias que dialogam com o período medieval e podem ser levados em conta durante o estudo do tema.

Para exemplificar essas tentativas de exclusão de mulheres da memória histórica, podemos citar Hipátia de Alexandria (370-413 d.C.). Especialista em matemática, chegou a ser professora e diretora da Academia de Alexandria. Dedicou-se à filosofia e inventou alguns instrumentos direcionados à astronomia. Muitas de suas obras foram destruídas na Biblioteca de Alexandria. Hipátia foi vítima de uma trama político-religiosa que teve como fim sua morte planejada, além da destruição do restante de suas produções. Apesar de ser pagante da intolerância religiosa, a estudiosa seria lembrada e venerada como cientista, inclusive mencionada por Carl Sagan, em sua obra *Cosmos*, de 1943.

Há outros relatos de condenação por parte da Igreja a essas mulheres. Algumas foram exiladas, como é o caso da espanhola Leonor López, autora da primeira biografia escrita em castelhano, escrita durante o exílio. Há registros também de autoras militantes como Cristiana de Pisano, que produziu diversas obras anti misóginas. Outras, foram presas, processadas ou condenadas. Sobre essas figuras, as poucas fontes disponíveis provêm de documentos inquisitoriais e eclesiásticos.

Em conclusão, podemos analisar, a partir da leitura dessa obra, a importância que a mesma dispõe quanto aos estudos sobre a temática, lembrando a carência de estudos voltados para as mulheres desse período. Além de servir como base para o desenvolvimento de outras linhas específicas de pesquisa – como a história das mulheres, história da medicina medieval, teologia medieval – também demonstra o esforço e a capacitação do historiador brasileiro de se aventurar em áreas pouco aprofundadas. Cabe ressaltar que a ruptura de paradigmas estruturados pela historiografia clássica nunca é tardia o suficiente para não a fazer, e devemos valorizar a pesquisa e, principalmente, o pesquisador que vai além do discurso forjado e avalia as fontes disponíveis e o contexto social e cultural do período.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FELLOW, Ellen M. G. **Caroline Walker Bynum**. American Academy, <https://www.americanacademy.de/person/caroline-walker-bynum/>

SIMONI, Karine. **Karine Simoni**. Lattes 26/10/2019.